

NIETZSCHE E A CRÍTICA AO ESTADO

*Jairo Dias Carvalho**

RESUMO

Pretendemos entender o que Nietzsche quer dizer quando chama o Estado de “o mais feio dos monstros feios”. Para isso, vamos elucidar o conceito de Vontade de Poder que serve como instância crítica na filosofia nietzscheana; depois discutiremos a crítica ao Estado e no final veremos quais elementos desta crítica podem ser instrumentalizados hoje. Para Nietzsche, a reflexão política está subordinada ao problema da criação dos valores. Esta criação de novos valores visa à formação de homens nobres, ativos e afirmativos. O pensamento de Nietzsche concentra-se na necessidade de uma auto-superação do homem e é neste contexto que aparecerá a crítica ao Estado.

Palavras-chave: Vontade de poder, auto-superação, Estado, afirmação, criação.

RESUMÉ

L'article prétend comprendre ce que Nietzsche veut dire quand il appelle l'État "le plus laid des monstres laids". Pour celà, nous éluciderons le concept de volonté de pouvoir qui sert d'instance critique. Nous discuterons la critique à l'État et à la fin nous verrons quels sont les éléments de cette critique qui peuvent être instrumentalisés aujourd'hui. Pour Nietzsche la réflexion politique est subordonnée au problème de la création des valeurs. Cette création de nouvelles valeurs envisage la formation d'hommes nobles, actifs et affirmatifs.

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da UFU.

La pensée de Nietzsche se concentre dans la nécessité d'une auto-supériorité de l'homme et c'est dans ce contexte qu'il critique l'État.

Most-clés: Volonté de pouvoir, auto-supériorité, État, affirmation, création.

Vontade de poder como critério da crítica:

Como interpretar o conceito nietzscheano de Vontade de Poder? Significa que a vontade queira o poder, que a busca do poder é o móvel da vontade? Que o objetivo da vontade é o poder? Que o poder é uma realidade fora da vontade? Que o poder é uma coisa? Talvez este conceito seja um dos mais difíceis da filosofia nietzscheana. Mas, de modo geral temos que responder negativamente a todas estas perguntas.

Lemos em *Assim Falou Zaratustra*, no canto *Do superar a si mesmo*: "onde encontrei vida encontrei vontade de poder" (Nietzsche, 2003, p. 145). E a vida diz para Zaratustra: "Vê, eu sou aquilo que deve sempre superar a si mesmo". (Nietzsche, 2003, p. 145). A primeira idéia, então, ligada a este conceito, é a de auto-superação. A Vontade de Poder é auto-superação e não, um "querer" o poder.

Em seguida, aparece a crítica ao conceito de vontade de viver: "certamente não encontrou a verdade aquele que concebeu a expressão vontade de existência, essa vontade não existe. Por que o que não existe não pode querer, mas o que é existente, como poderia ainda querer a existência? Onde há vida também há vontade de poder". (Nietzsche, 2003, p. 146). Podemos dizer analogicamente: como o que não está no poder pode querer o poder? Só o pode querer aquele que não o tem. Assim como o que não existe, não pode querer existir e o que existe, pelo fato de já existir, não pode desejar o que já possui, interpretar a Vontade de Poder como um "querer" o poder é contraditório, pois significa que não se está no poder, mas para Nietzsche já estamos na dimensão do poder. O que significa que a vida é produtividade e por consequência a Vontade de Poder é produção. Assim a Vontade de Poder é auto-

superação e produtibilidade. Mas “quem quer o poder”? Aquele que não o tem, que lhe falta, mas as noções de carência e de falta são estranhas a Nietzsche. Vejamos o canto *Da virtude dadivosa*:

Em verdade, eu vos adivinho, meus discípulos: tal como eu, aspirais à virtude dadivosa. Que teríeis de comum com os gatos e os lobos? Tornar-vos, vós mesmos, oferendas e dádivas, é essa a vossa sede; e, por isso, tendes sede de acumular, na vossa alma, todas as riquezas. Insaciável, aspira vossa alma a tesouros e jóias, porque insaciável é a vossa virtude em querer dar presentes. Obrigais a todas as coisas a ir a vós e a estar em vós, para que voltem a fluir do vosso manancial como dádivas do vosso amor. Em verdade, ladrão de todos os valores deve tornar-se esse amor dadivoso; mas eu digo sagrado e sadio tal egoísmo. Outro egoísmo existe, por demais pobre, faminto, que quer sempre roubar, o egoísmo dos doentes, o egoísmo doente. Com olhos de gatuno, olha para tudo que brilha; com a avidez da fome, mede os que têm de comida; e vive rastejando em volta da mesa do homem dadivoso. Doença, é o que fala através dessa cobiça; e invisível degenerescência de um corpo enfermo, é o que exprime essa gatuna avidez. Dizei-me, meus irmãos: o que é mau, a nossos olhos, e pior que tudo? Não é a degenerescência? – E sempre advínhamos a presença da degenerescência onde falta a alma dadivosa. (Nietzsche, 2003, p. 101-2).

Assim, temos um egoísmo que quer acumular para doar e um egoísmo que reporta tudo a si. Quem quer o poder é a vida degenerescente, mas aquele que acumula e doa é aquele que já está na dimensão do poder e é esta dimensão que Nietzsche chama de Vontade de Poder. No *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche diz: “O aspecto geral da vida não é a indigência e a fome, mas ao contrário, a riqueza, a opulência, até, se se quer, uma absurda prodigalidade...” (Nietzsche, 1984, p. 72). Assim, a Vontade de Poder é doação e transbordamento.

A Vontade de Poder é um efetivar-se e, ela ao se exercer, ao se transbordar esbarra em outros que lhe oferecem resistência, mas o

obstáculo converte-se em estímulo. Graças ao desprazer de se deparar com entraves, ela atinge os que lhe resistem e acaba por vencê-los, daí surge uma situação de prazer. Para Nietzsche, toda a atividade está ligada a um prazer, não por que antes havia um entrave, uma coerção, mas por que todo agir é um superar que proporciona um aumento da potência. Assim, o desprazer, para quem prevalece, provém do encontro de resistências. E o prazer, de vencê-las. O desprazer que provém dos obstáculos consiste em não mais resistir, e o prazer, em resistir. O prazer e o desprazer são, portanto, efeitos da efetivação da Vontade de Poder. O que causa prazer não é a satisfação da vontade, mas o “querer” prosseguir e continuar a se apoderar do que está em seu caminho. O sentimento de prazer reside no fato de não se satisfazer sem adversário ou resistência. Ela é, então, uma efetivação sem fim.

Assim, também a autoconservação será mera consequência do exercício da Vontade de Poder. A Vontade de Poder pode vir a manter aquilo de que se apoderou, porém, jamais será este seu objetivo. “Não se pode deduzir a atividade mais baixa e mais original do protoplasma de uma vontade de autoconservação, pois, de maneira insensata, ele absorve mais do que exigiria sua conservação e com isso, sobretudo, ele não se conserva mas se decompõe”. (Marton, 1990, p. 40). E também: “Contra o instinto de conservação enquanto instinto radical, trata-se muito mais do ser vivo querer dar livre curso à sua força — ele quer e tem de (as duas palavras são para mim equivalentes!); a conservação é apenas uma consequência” (Idem). Portanto, a autoconservação não caracteriza o objeto ou o objetivo das forças e energias da vida já que todo ser vivo faz tudo o que pode não para se conservar, mas para se tornar mais, crescer, expandir-se e desenvolver-se. A vida é vontade de acumulação de força. A Vontade de Poder refere-se, então, a um processo e a uma atividade em que o importante é o dispêndio ou o esbanjamento de força, não um estado final que deva ser atingido. Uma coisa viva deseja, assim, acima de tudo descarregar sua força, a autoconservação é apenas um dos resultados indiretos e mais freqüentes da vontade de poder. A lei da vida não é a autoconservação, mas a auto-superação. Nietzsche diz que: “Em todo ser

vivo, pode-se justamente mostrar, com a maior clareza, que ele faz tudo — não para conservar-se mas para tornar-se mais....” (Marton, 1990, p. 41). A Vontade de Poder é, assim, impulso ao crescimento, à expansão.

O poder, para Nietzsche, é então a dimensão do “informal puro”. Nietzsche sai da alternativa: ou o indivíduo (a forma) ou a indistinção (o caos, o sem-fundo). Nem forma nem informe, o mundo é constituído pelo Poder, dimensão informal pura, que significa que o poder não é uma forma, a forma-estado, por exemplo, mas indução, incitação, desvio, facilitação ou dificuldade, ampliação ou limitação. O poder é o poder de ser afetado e o poder de afetar. Incitar, suscitar, produzir, é agir. Ser incitado, suscitado, determinado a produzir é reagir. Estes são outros componentes do conceito de Vontade de Poder. O informal puro é, assim, a pura funcionalidade de afetar da força, função, ainda não formalizada (por exemplo, em um aparelho), não encarnado em formas. A matéria é também não formada, tomada independente dos seres, dos objetos. Retomemos, então, os componentes do conceito de Vontade de Poder: ela é auto-superação, produtibilidade, excesso frente a si, transbordamento, doação, transbordamento, efetivação sem fim, impulso ao crescimento, indução e incitação, numa palavra, criação. Podemos, agora, introduzir o conceito de força e potência e relacioná-los com o de vontade de poder.

Potência, força e vontade de poder¹:

Para Nietzsche, qualquer forma (seja um corpo, uma instituição, um objeto qualquer) é fruto de um complexo de relação de forças. Toda realidade já é quantidade de forças em relação de tensão umas com as outras. Ele nos diz em um fragmento: “Este conceito vitorioso de força, graças ao qual os nossos físicos criaram Deus e o universo, necessita de um complemento, é preciso atribuir-lhe um querer interno que denominarei a vontade de poder, isto é,

¹ As reflexões deste tópico são baseadas no estudo de Gilles Deleuze, *Nietzsche et la philosophie*. Segunda edição. Paris: Quadrige/PUF, 1998.

o apetite insaciável de manifestar a potência; ou ainda, o uso e o exercício da potência...". (Deleuze, 1998, p. 56). Assim, força e vontade de poder são indissociáveis. Pôr uma é propor a outra. Este fragmento reúne três elementos: força, vontade de poder, potência. Temos o seguinte esquema:

<u>Vontade de poder</u>	<u>Força</u>	<u>Potência</u>
Afirmativa	Ativa	Forte
<u>Qualidades:</u>	<u>Qualidades:</u>	<u>Quantidade:</u>
Negativa	Reativa	Fraca

A potência é a força considerada como intensidade, é a força considerada do ponto de vista do que ela pode. Na gênese da quantidade, está uma qualidade: a ação ou reação. Segundo sua diferença de quantidade, as forças são designadas como dominantes ou dominadas. Segundo sua diferença de qualidade, as forças são referidas como ativas ou reativas. Existe Vontade de Poder na força reativa ou dominada assim como na força ativa ou dominante. As forças exprimem sua diferença de quantidade pela qualidade que cabe a cada uma. Mas é a vontade de poder que distribui tanto as diferenças de intensidade como as diferenças de qualidade entre as forças. Para estar na fonte das qualidades das forças é preciso que a própria Vontade de Poder tenha qualidades ainda mais sutis que as das forças. Essas qualidades da Vontade de Poder, esses elementos qualitativos e primordiais, não devem ser confundidos com as qualidades das forças. Ativo e reativo designam as qualidades da força, mas afirmativo e negativo designam as qualidades primordiais da Vontade de Poder. Afirmar e negar, apreciar e depreciar expressam a Vontade de Poder assim como agir e reagir exprimem a força. A força é considerada quantitativamente (o que designa a sua potência) e qualitativamente (o que designa se ela é ativa ou reativa), mas na "origem" da ação ou da reação, do fraco ou do forte está a vontade de poder, interioridade ativa, explosiva

e expansiva, que designa se a força é afirmativa ou negativa. O pólo afirmação/ação/força forte expressa os tipos nietzscheanos de senhor e nobre. O pólo negação/reação/força fraca expressa os tipos nietzscheanos de escravo e vulgar. É pela qualidade da Vontade de Poder que sabemos se uma força é forte, fraca ou ativa e reativa. Mas o que significa afirmar e negar?

A afirmação em Nietzsche é o que poderíamos chamar de diferenciação. A Vontade de Poder é produtividade, acúmulo, aumento de potência, como vimos. Ela é o motor interno, a tendência ao crescimento, a dinâmica produtiva interna, um ímpeto, uma propensão, uma propulsão a se diferenciar e crescer. É isto o que significa afirmação. Afirmar é diferenciar-se. A auto-diferenciação não depende de um suporte externo mas da Vontade de Poder que é a força interna explosiva que a vida carrega em si mesma. É extravasamento, uma auto-produção por meio de uma explosividade interna. A Vontade de Poder afirmativa é, então, fonte absoluta de ação e por isso é força potente. O forte em Nietzsche designa aquele que tem o princípio da ação porque começa por afirmar.

Mas Nietzsche diz que muitas vezes os fracos ganham. Os fracos são aqueles que separam os fortes do que podem, o que nos remete para a Vontade de Poder negativa. Assim, como as forças reativas também são forças, a vontade de negar é Vontade de Poder, a vontade de negar significa uma vontade de aniquilamento, uma hostilidade para com a vida, uma recusa em admitir as condições fundamentais da vida. Entre a ação e a afirmação, há uma afinidade profunda, uma cumplicidade, mas nenhuma confusão. A ação e a reação são meios, instrumentos da vontade de poder que afirma e que nega, sendo as forças reativas instrumentos do niilismo. As forças reativas muitas vezes vencem porque encontram no niilismo, na negação, no poder de negar um aliado. As forças ativas/fortes são separadas de sua potência de afirmar, assim, elas voltam-se contra si mesmas.

O nobre é aquele que afirma, que age, que é forte por que age, que possui uma Vontade de Poder afirmativa, o que significa que possui um impulso, um ímpeto à auto-diferenciação e o escravo é aquele que age por ser incitado a agir, é fraco por que reage, e que

nega em primeiro lugar para se auto-afirmar. É através deste instrumental que Nietzsche vai operar a crítica ao Estado.

A crítica ao Estado:

A cultura, em Nietzsche, significa o cultivo de homens nobres, ativos e afirmativos. A pergunta que deve ser feita é: que papel desempenharia a política neste cultivo? A cultura (incluindo a arte, a linguagem, a ciência), para Nietzsche, destina-se à criação de tipos humanos, complexos, completos, raros, em uma palavra: nobres. Assim, se coloca a seguinte pergunta: como a organização social deve servir aos objetivos da cultura? Qual é o tipo de organização social mais apta para estimular a cultura, o cultivo da grandeza e de verdadeiros seres humanos, para construir o homem de única linhagem?

O pensamento de Nietzsche concentra-se na necessidade de uma auto-superação do homem e é neste contexto, que ele critica o Estado e, é neste sentido que podemos nos perguntar como deve ser organizada a sociedade e para que fins. É aqui que se insere a crítica nietzscheana ao Estado. No Canto intitulado *Do Novo Ídolo*, lemos: "Estado? Que é isso? Pois seja! Abri bem os ouvidos, porque, agora, vou dizer-vos a minha palavra sobre a morte dos povos. Chama-se Estado o mais frio de todos os monstros frios. E, com toda frieza, também mente; e esta mentira sai rastejando da sua boca: 'Eu, o Estado, sou o Povo!'" (Nietzsche, 2003, p. 75). Temos então uma identificação: a totalidade do povo e a sua forma de organização política; uma entidade é idêntica a outra. Trata-se de uma crítica à noção de representação, que não faremos aqui, ou só a faremos parcialmente. O que nos interessa é que o Estado ao se identificar ao povo o "representa" como uno, e esta unidade é representada no Estado. Lemos adiante a frase que ilustra esta crítica de Nietzsche: "Eu sou o dedo ordenador de Deus" (Nietzsche, 2003, p. 75). O caráter pluralista da filosofia de Nietzsche o impede de considerar que o povo seja uma entidade una. Uma citação sua nos permite entender o caráter desta crítica:

O homem como multiplicidade: a fisiologia nada mais faz que indicar um maravilhoso comércio entre essa multiplicidade e o arranjo das partes sob e em um todo. Mas seria falso disso inferir necessariamente um Estado com um monarca absoluto (a unidade do sujeito) (Marton, 1990, p. 31).

E: “ocorre aqui o que ocorre em toda coletividade bem organizada e feliz, ou seja, a classe dirigente identifica-se com os sucessos da coletividade” (Nietzsche, 1992, p. 25). Então, o primeiro elemento de crítica de Nietzsche ao Estado é o de que não se pode identificar a multiplicidade característica do meio social à unidade do Estado. Mas o cerne da crítica está em *Humano Demasiado Humano*:

Os socialistas pretendem estabelecer o bem-estar para o maior número possível. Se a pátria duradoura desse bem-estar, o Estado perfeito, fosse realmente alcançada, o bem-estar destruiria o terreno de onde nascem a grande inteligência e, em geral, a individualidade poderosa: quero dizer, a energia vigorosa. Uma vez realizado o Estado em questão, a humanidade tornar-se-ia demasiado inerte para poder ainda dar origem ao gênio. (Nietzsche, 2002, p. 162-3).

Aqui aparece um outro elemento da crítica, o Estado é potência de nivelamento dos homens. Nietzsche critica aqui a noção de igualdade de todos perante o Estado. No *Crepúsculo dos Ídolos*, temos uma defesa do individualismo, correlata da crítica à noção de igualdade perante o Estado:

Valor natural do egoísmo – ... Cada indivíduo deve ser apreciado segundo representa a linha ascendente ou a linha descendente. ...Representa-se a linha ascendente, seu valor é efetivamente extraordinário, e no interesse da vida total, que com ele dá um passo para diante, o cuidado de sua conservação e de criar seu optimum de condições vitais deve ser extremo. O homem isolado, o indivíduo, tal como foi entendido até agora pelo povo e pelos filósofos, constitui um erro... (Nietzsche, 1984, p. 82).

A crítica ao Estado se faz então no sentido de que ele ao representar a totalidade não cuida para a construção do homem raro. Em *Além do Bem e do Mal*, lemos:

Quando os impulsos mais elevados e mais fortes, irrompendo passionalmente, arrastam o indivíduo muito acima e além da mediania e da planura da consciência de rebanho, o amor-próprio da comunidade se acaba, sua fé em si mesma, como que sua espinha dorsal, é quebrada: portanto, justamente esses impulsos serão estigmatizados e caluniados... Tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de mau; a mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, a mediocridade dos desejos obtêm fama e honra morais. (Nietzsche, 1992, p. 100).

O homem de impulsos elevados é o “nobre” nietzscheano. E o Estado é justamente criticado por ser uma organização destinada a proteger os fracos contra os fortes, no sentido da tipologia que esboçamos no início deste texto. Trata-se de proteger os fracos, os escravos, diante do homem nobre, do homem afirmativo e ativo. O Estado é então potência de mediocratização. Por isso, Nietzsche propõe uma sociedade hierarquizada:

Toda elevação do tipo ‘homem’ foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática – e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem... Sem o pathos da distância... não poderia nascer... a elaboração de estados sempre mais elevados, mais raros, remotos, amplos, abrangentes, em suma, a elevação do tipo ‘homem’, a contínua ‘auto-superação do homem. (Nietzsche, 1992, p. 169).

Vemos aqui toda a síntese da crítica ao Estado. É que o Estado não permite hierarquias no seu seio, e para que se atinja a auto-superação do homem, Nietzsche acredita numa sociedade aristocrática. No fundo, Nietzsche concebe o Estado como uma função

de igualitarização e isto sua teoria da Vontade de Poder não pode permitir. Ele nos diz no *Crepúsculo dos Ídolos*:

A igualdade, certa assimilação efetiva que se manifesta na teoria da igualdade de direitos, pertence essencialmente a uma civilização decadente; os abismos entre homem e homem, entre uma classe e outra, a multiplicidade de tipos, a vontade de ser cada um algo, de distinguir-se, o que denomino o pathos da distância, é o que é próprio das épocas fortes” (NIETZSCHE: 1984, p. 88-9).

Mas não temos que nos enganar, a hierarquia nietzscheana é a hierarquia entre nobres e escravos, entre criadores e impotentes. Os afirmativos, fortes, os que possuem Vontade de Poder afirmativa não podem ser igualados aos que apenas reagem. Vemos aqui como é importante sua teoria da Vontade de poder e sua teoria das forças. Concluamos esta crítica ao Estado com uma citação:

O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores, ele não tem necessidade de ser abonado, ele julga: ‘o que me é prejudicial é prejudicial em si’, sabe-se como o único que empresta honra às coisas, que cria valores. Tudo o que conhece de si, ele honra: uma semelhante moral é glorificação de si. Em primeiro plano está a sensação de plenitude, de poder que quer transbordar, a felicidade da tensão elevada, a consciência de uma riqueza que gostaria de ceder e presentear – também o homem nobre ajuda o infeliz, mas não ou quase nunca por compaixão, antes por um ímpeto gerado pela abundância de poder (NIETZSCHE, 1992, p. 172-3).

É este homem que a organização política deve fazer prevalecer e cultivar e a crítica ao estado não é, senão, uma crítica à representação e à noção de igualdade. Nietzsche clama, então por uma grande política a ser instituída, em que uma elite de legisladores filósofos guiará (no caso) a Europa para além da política do nacionalismo. Ele propõe uma nova legislação aristocrática que

renunciaria a qualquer preocupação de se legitimar, exceto em função da problemática da auto-superação do homem.

A “grande política” nietzscheana encara a política não como um fim, mas como um meio para a produção de cultura: a grandeza humana por meio da perpétua auto-superação e o esbanjamento de energias e recursos pelo gênio criador ou grande indivíduo. Nietzsche aplica ao Estado a tipologia da Vontade de Poder e se pergunta: é ele apto à perpétua auto-superação do homem que garanta a criação de novos e raros tipos humanos?

Para Nietzsche, apenas com uma cultura aristocrática é possível organizar a vida social de tal maneira que ela sirva ao objetivo da auto-superação. Nietzsche empreende, então, uma reavaliação dos valores altruísticos e igualitários, como a piedade, a abnegação e a igualdade de direitos. O significado político desta avaliação está no fato de que a política moderna se baseia principalmente numa herança desses valores cristãos. Proclamar a questão do valor de nossos valores é, então, em parte, fazer a pergunta sobre se esses valores refletem um modo de vida nobre ou vulgar, isto é, um modo de vida superabundante e rico em sua própria auto-afirmação ou fraco e exaurido.

Conclusão

Devemos ver esta avaliação e crítica dos valores como fundamental para o que Nietzsche chama de a “grande política”. Para ele, somente, uma sociedade aristocrática pode justificar terríveis e nobres sacrifícios e experiências, pois esta espécie de sociedade está preparada não para a justiça, mas para a contínua auto-superação do homem e da vida. Nietzsche fala de uma raça de senhores que constituirão o futuro da terra; ela formará uma nova aristocracia baseada em uma severa autolegislação. Poderíamos dizer que ele vê os senhores da humanidade como um grupo de “tiranos-artistas” que olham para o homem como um escultor.

Não concordamos com a pretensão nietzscheana de erigir uma sociedade aristocrática, mesmo que ela se baseie em valores. Achamos que o ponto forte da filosofia nietzscheana está na ela-

boração de três conceitos: o de devir, de caosmos e de auto-superação. O conceito de devir mostra que todas as coisas se tornam o que são. Devemos nos apropriar desta elaboração e empreender uma crítica aos valores universais. Isto nos permite captar os dinamismos criadores do presente. Trata-se de detectar no presente não a parte do ser, mas a do devir, a parte inatual da realidade atual. Este conceito permite a atenção para as tendências decisivas, que nos mais diversos domínios, desde já, traçam no presente, ou na face atual do presente, uma nova configuração. É preciso, então, captar o devir-outro do presente. O presente é o que somos, mas o devir é o que no presente já estamos a deixar de ser. Devemos apreender as forças cosmogênicas e as forças formadoras do porvir. Assim o problema, o que nos remete para o conceito de caosmos, já não é o de um começo, nem o de uma fundação-fundamento, mas um problema de consistência ou de consolidação: como consolidar o material, como torná-lo consistente? É preciso tirar do caos um pouco de ordem. A criação é, então, a passagem do caos ao cosmos. Dar um mínimo de consistência ao caos, já que ele é um estado de movimentos infinitos em dissipação absoluta, não a ausência de determinações, mas a sua dissipação, a sua evanescência.

A criação é, então, um anticaos. É preciso vencê-lo instalando-se nele. Então todos os processos de criação são devires, movimentos de fuga às condições existentes. O devir é, assim, a novidade da atualidade. É preciso captar a sua possibilidade inédita, indicar não o que somos, mas o que estamos em vias de deixar de ser, aquilo em que nós estamos a nos tornar.

O outro conceito interessante é o da auto-superação. Nietzsche não aceita o conceito de autoconservação como conceito fundante nem da vida nem, no nosso caso, do corpo político. Isto abre a perspectiva para se pensar além de uma teoria do contrato, o que permitiria ver a sociedade como instituição de meios originais de satisfação, como positividade e inventividade.

BIBLIOGRAFIA

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político – Uma introdução*. Tradução de Mauro Gama & Claudia Matinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1962.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal – Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Assim falou Zaratustra! (um livro para todos e para ninguém!)*. Tradução e notas de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo*. Tradução de Edson Bini e Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1984.

_____. *Genealogia da moral – Um escrito polêmico*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Humano Demasiado Humano: um livro para os espíritos livres*. Tradução de Carlos Grifo Babo. Presença / Martins Fontes: 1973.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Data de Registro: 05/10/04

Data de Aceite: 08/02/05